

TÓRRES (et alii), Alexandre Pinheiro — 21 Ensaaios Sobre Eugênio de Andrade, Porto, Editorial Inova Limitada, 1971, 520 pp.

Eugênio de Andrade, o poeta que ora nos ocupa, é autor dos seguintes livros de poesia: *As mãos e os frutos*, *Os amantes sem dinheiro*, *As palavras interditas*, *Até amanhã*, *Coração do dia*, *Mar de setembro* e *Ostinato rigore*. Em 1968, tais livros foram reunidos num volume pela Portugalíá Editora de Lisboa com o título geral de *Poemas*.

Sai agora a lume uma obra que insere 21 ensaios sobre o poeta em pauta e comparecem como participantes: Alexandre Pinheiro Torres, Antonio Ramos Rosa, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Fernando Guimarães, Fernando Mendonça, Gastão Cruz, João Gaspar Simões, João Rui de Sousa, Joel Serrão, Jorge de Sena, José Bento, José Fernandes Fafe, José Pacheco Pereira, Luís de Miranda Rocha, Mário Sacramento, Nuno de Sampayo, Nuno Teixeira Neves, Oscar Lopes, Vergílio Ferreira e Vitorino Nemésio.

Seguem-se trechos da *Poética* de Eugênio de Andrade, textos antológicos da poesia e bibliografia do e acerca do poeta.

Excetuando-se o ensaio de Jorge de Sena, mais preocupado com os aspectos puramente formais da poesia de Eugênio de Andrade, os outros ensaístas tentam uma penetração na temática e nas forças motrizes do autor de *Ostinato rigore*.

O lançamento de um livro dessa natureza parece acentuar que parece estar passando a enorme (e aliás justificada) onda em torno da poesia de Fernando Pessoa. Levanta-se, trinta e tantos anos após a morte do autor da *Mensagem* uma voz que parece vai apagar um pouco a memória dos críticos em torno de um poeta que parecia ser intransponível. E observe-se que mesmo em Eugênio de Andrade pesou (na elaboração de alguns poemas) a linguagem de um Ricardo Reis o que confirma a extrema dificuldade na tentativa de superar essa "montanha" literária da geração do "Orpheu".

O tom geral dos trabalhos é laudatório e tende a conferir a Eugênio de Andrade o papel de principal poeta da atualidade em Portugal, muito embora seja discutível tal ponto de vista, quando nos lembramos de que existe também um Herberto Helder, poeta de grande garra e sangue, atualíssimo como é atual a vivência em torno das sensações, o que mostra que está presente ainda a figura de um Álvaro de Campos.

Os autores acentuam particularmente a simplicidade da linguagem poética de Eugênio de Andrade, não significando, porém, uma diminuição do tónus de suas criações. A atitude atinge, evidentemente o vocabulário, de fácil compreensão o que, contudo, não impede a apreensão, por vezes,

onírica e subconsciente do mundo. Eugênio de Andrade parte da natureza e a ela volta freqüentemente e tanto assim é que termos como fonte, rosa, barco, jardim, dia, mãos, frutos são constantes em seus poemas. Tal processo confere à sua criação um caráter “elemental” lembrado por Oscar Lopes em seu ensaio.

Elemental ou não, a poesia de Eugênio de Andrade para Luís Miranda Rocha constitui processo de libertação e depuração, aquela consistindo na necessidade do poeta escrever, esta, revelando preocupação com os recursos técnicos da poesia. De qualquer forma, está sempre presente a atitude “d’arrêter le temps psychologique” de que fala Georges Mounin em seu livro *La communication poétique* e “a fulguração do instante” assinalada por Gaston Bachelard.

Para Eduardo Lourenço, talvez dos estudiosos mais profundos que comparecem no volume, a luta poética de Eugênio de Andrade se resolve no fato de que “é então a Poesia a perpétua liturgia da ausência da Palavra à Palavra”, que o ensaísta propõe de forma interrogativa.

Os ensaios se mantêm em nível elevado, mas forçoso é destacar os nomes de Eduardo Lourenço, Oscar Lopes, Vergílio Ferreira, Fernando Mendonça e Luís de Miranda Rocha.

De Fernando Mendonça vale a pena destacar algumas palavras que permitem entender mais profundamente a poesia de Eugênio de Andrade:

“Em Poesia, as palavras não são nomes, são sinais, motivo porque tão poético pode ser um poema simbolista como um poema semiótico: é ao utilizador que cumpre selecionar a função causativas das palavra-sinais do primeiro, ou das figuras-sinais do segundo. Ambos devem ser uma realidade absoluta.” (p. 194)

E mais adiante:

“Eugênio de Andrade. Eugênio de Andrade, o poeta que reconquistou o seu paraíso porque se arroga claramente o direito às realidades anteriores às palavras, isto é, apagando nestas o sentido vocabular inopioso para lhes realçar a realidade atuante num universo não menos real — o universo paradisiaco, onde tudo é o que foi criado na hora original.” (p. 107)

Enfim, estes 21 *Ensaaios sobre Eugênio de Andrade* se revestem de interesse para quem esteja voltado para os mais inquietantes problemas da atual poesia portuguesa, porque estão preocupados com uma das mais sérias e profundas vozes poéticas, ao lado de um Herberto Helder de *Ofício cantante*.

JOÃO DÉCIO